



## **A concepção do trabalho camponês e a agroecologia: controvérsias na elaboração de SAFs no assentamento Mario Lago**

*The concept of peasant labor and agroecology: controversies in development of Agroforestry Systems at Mario Lago-SP settlement.*

IHA, Mônica

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas,  
Departamento de Geografia, monicaiha@usp.br

### **Resumo**

O texto pretende reconhecer a controvérsia existente no significado do “mato” como um conflito entre conhecimentos, presente na concepção de trabalho camponês, como uma resistência a aceitação dos princípios da agroecologia. A pesquisa qualitativa combinou trabalho de campo com a participação em reuniões, análise de entrevistas e bibliografia. Este debate ocorre em um contexto de construção de saberes e desenvolvimento de Sistemas Agroflorestais (SAFs), com apoio técnico da Cooperafloresta (Associação de Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo-SP e Adrianópolis- SP) no assentamento Mario Lago, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) situado na cidade de Ribeirão Preto – SP. A experiência da Cooperafloresta no assentamento revela o dualismo presente na concepção camponesa de agricultura e natureza, e demonstra divergências com as formas de manejo agroflorestais. O enfrentamento desta problemática resultou na elaboração de novas técnicas de sistemas agroflorestais ajustado às necessidades e questões apresentadas.

Palavras-chave: Conflitos entre conhecimentos; movimentos sociais; natureza; agrofloresta; Cooperafloresta.

### **Abstract**

The text aims to recognize the disagreement between meanings of “bush” as a conflict of knowledges, and presents in the concept of peasant labor, that explain itself as a resistance to acceptance the principles of agroecology. This qualitative research combined fieldwork, collective discussions and analysis of interviews and literature. This debate takes place in a context of construction of knowledge and development of agroforestry systems, with technical support from Cooperafloresta (Agroforestry Farmers Association of Barra do Turvo - SP and Adrianópolis- SP) at Mario Lago settlement, organized by the Workers Movement Landless (MST) in the city of Ribeirão Preto - SP. The experience of Cooperafloresta reveals the dualism in peasant conceptions of agriculture and nature that means disagreement with the agroforestry management. The confronting of this problematic resulted in the development of new techniques of agroforestry adjusted to the needs and issues presented.

Keywords: conflict of knowledge; social movements; agroforestry; nature; Cooperafloresta.



## Introdução

Este artigo é parte da pesquisa de Doutorado realizada no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, com objetivo compreender o processo de “luta” pela agroecologia no assentamento Mario Lago em Ribeirão Preto, no estado de São Paulo. A reivindicação pela agroecologia surge como uma continuidade das lutas camponesas na América Latina, contexto no qual o MST realiza esforços para se inserir. Neste processo, as ações de assistência técnica da Cooperafloresta tornaram-se fundamentais para iniciar mudanças qualitativas nos espaços de produção, auxiliando a implantação de áreas de SAFs coletivos e de quintais agroflorestais nos lotes dos assentados.

Para esta pesquisa a metodologia de trabalho de campo envolveu a técnica de observação participante, vivenciando no tempo da pesquisa a realidade cotidiana do assentamento, as reuniões do grupo com o técnico e oficinas onde foi possível colher relatos e impressões sobre esta interação.

O assentamento Mario Lago, faz parte do projeto de assentamento – Projeto de Desenvolvimento Sustentável - PDS da Barra. Para formalização do assentamento o MST estabeleceu junto ao Ministério Público um Termo de Ajuste de Conduta (TAC). O objetivo é tornar-se uma referência no cumprimento da legislação ambiental, destinando 35% das terras para reserva legal, seguindo as recomendações técnicas para áreas de recarga do Aquífero Guarani, no qual se situa. Os lotes possuem entre 1,5 a 1,7 hectares, além dessa área, os assentados podem optar em participar das áreas coletivas que totalizam 180 hectares destinados as práticas agroflorestais.

O cumprimento da legislação ambiental foi o principal motivo da busca pela agroecologia no assentamento. A agricultura no assentamento Mario Lago, sempre foi realizada, desde o início, sem o uso de agrotóxicos, porém sem um projeto amplo



para recuperação e uso de áreas coletivas. Este projeto surge com uma parceria entre o MST e a Cooperafloresta – Associação de Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo-SP e Adrianópolis- SP, cuja proposta é unir “Gentes e Natureza”.

A experiência da Cooperafloresta teve início na região do Alto Vale do Ribeira (PR/SP) junto às comunidades quilombolas e agricultores familiares que sempre tiveram suas vidas associadas ao uso da floresta, especificamente da Mata Atlântica. Estes grupos tiveram sua reprodução social ameaçada por problemas ecológicos e sociais e vem construindo caminhos de superação da exclusão e da degradação dos recursos naturais. Por meio da agrofloresta, tem conseguido desencadear um processo de organização das famílias agricultoras. Em busca deste conhecimento, o MST aproxima-se da Cooperafloresta, com a qual consegue estabelecer uma parceria através do projeto Agroflorestar, contando com apoio técnico, materiais e uso de máquinas.

### **A construção do conhecimento agroflorestal no assentamento Mario Lago.**

Os fundamentos da atuação da Cooperafloresta, parte da compreensão dos processos ecológicos como cooperativos, onde o ser humano pode interagir nos processos naturais de forma positiva. O agricultor no sistema agroflorestal atua favorecendo processos vitais no solo e conseqüentemente de espécies vegetais e animais a associadas. A partir deste princípio foram construídas as ações da Cooperafloresta, trabalhando primeiramente com práticas para reestabelecer a fertilidade do solo como primordial para desenvolvimento de um sistema agroflorestal.

No âmbito da Cooperafloresta, esta definição contempla também as práticas de sucessão e manejo portanto, costuma-se chamar de agrofloresta uma paisagem formada a partir de intervenções baseadas nesta noção de sustentabilidade, em



uma área definida, cuja cobertura anterior pode ser um pasto, uma lavoura ou uma capoeira (floresta secundária), em diferentes estágios de sucessão. (STEENBOCK, 2013)

O desafio encontrado no assentamento Mario Lago era transformar uma área anteriormente ocupada pelo plantio da cana em sistemas agroflorestais. A sugestão da Cooperafloresta para reflorestamento da área coletiva foi pelo plantio de espécies pioneiras para áreas abertas, neste caso, o capim colônio, com intenção de produzir matéria orgânica capaz de manter a cobertura vegetal e produzir serrapilheira no próprio local, para as mais de 300 espécies arbóreas associadas.

Além do desafio da sucessão ecológica, durante as reuniões com o grupo surgiu uma discussão entorno do plantio do capim. A recusa pelo plantio por parte do grupo surge a partir do questionamento de uma das assentadas, Dona Alzira. Os motivos desta, segundo minha análise está associada a concepção do roçado.

“(...)O pai falava... Quando você vê um matinho lá crescendo no pé da planta, não tenha preguiça, vai lá e arranca ele. Sabe por quê? Porque está sugando a força da planta... E aí quando eles vieram com aquela idéia de plantar colônio... Eu falei pro Nelson: - Vai plantar colônio mesmo? Nelson respondeu: - vai Dona Alzira! ... Então eu falei: - Eu desisto do SAF.” (Relato de Dona Alzira, assentamento Mário Lago, 2014)

Para a agroecologia o “mato” é matéria orgânica, cobertura morta que irá conter a erosão e favorecer a atividade biológica do solo. Porém para agricultura convencional ou mesmo tradicional o “mato” era tratado como espécie indesejável e invasora capaz de retirar os nutrientes necessários para a cultura principal. Esta concepção está diretamente associada a uma concepção de trabalho camponês onde: “O trabalho é a negação da vegetação espontânea, do mato, onde os homens forçam a terra a gerar plantas socialmente consideradas úteis.” (Garcia Jr, 1978)



A análise de K. Woortmann e E. Woortmann sobre o trabalho camponês, apresenta um aspecto que explica bem os motivos da recusa de dona Alzira, “ Entre os sitiantes, a natureza, o mato, lugar de perigo e da ambiguidade, é de Deus, e o trabalho que o agride é também, por sua penosidade, o instaurador de uma ordem, um “campo de cultura” que é ao mesmo tempo “campo de honra”, o lugar do trabalho honrado do qual resulta o ganho.” (1997, p. 159)

Nesta concepção o trabalho prevalece como uma forma de dominação humana sobre a natureza. O significado do “mato” surge exatamente como uma “oposição ao trabalho”, onde se instaura uma espécie de vergonha ao contrário da honra promovida pelo roçado limpo, sem mato, considerado local trabalhado e seguro. Por outro lado, a concepção camponesa do trabalho que ordena o mundo, no manejo ecológico é mantida, porém afirma-se como uma relação de troca com a natureza, no sentido de dádivas. (K. Woortmann e E. Woortmann ,1997)

Diante deste conflito entre concepções é realizada a implementação do SAF´s no assentamento Mario Lago. O projeto teve início no desenvolvimento de uma extensa área coletiva para o plantio onde foram feitas diversas parcelas experimentais. Alguns assentados aceitaram a proposta da agrofloresta nos lotes, desenvolvendo experiências bastante diversificadas. A fim de contemplar as divergências foram realizados plantios sem o uso do capim, para produção de matéria orgânica, substituindo pela adubação verde, com o plantio de guandu.

A implantação do SAF foi feita de forma mecanizada com a abertura de linhas de 10 metros. Foi realizado o plantio diretamente na cana, onde foi utilizada a própria cana como matéria orgânica nas entrelinhas, e com a retirada da cana para o plantio do capim colômbio. Foram introduzidas espécies arbóreas para produção de madeira nobre a longo prazo, espécies de estrato médio e pioneiras. Além disso, foram introduzidos cultivos comerciais anuais e de ciclo curto, como as hortaliças e legumes. Para o preparo inicial da terra foi utilizado resíduo de carvão, associado ao resíduo da poda de árvores da cidade, pó de rocha e cama de frango produzida nos



lotes dos assentados. O primeiro cultivo, com pouco manejo da cobertura, deixando a cana teve melhor resultado em relação ao desenvolvimento do SAF. Em uma linha de plantio no lote do assentado Vanduí foi possível observar: plantio de legumes, verduras e frutas, alternando com espécies arbóreas como a pupunha, a banana, entre outras. No SAF, não existe acaso, como expõe o assentado: “ se não fizer o manejo o “mato” toma conta. Para produzir tenho que fazer a poda abrindo espaço para o que quero colher.”

Na área onde ocorreu o plantio de guandu como substituto do capim para geração de matéria orgânica, houve perda total do guandu. A resposta sobre a controvérsia quando ao uso do capim foi empírica, com ataque imprevisto das formigas, a uma espécie supostamente bastante rústica. Esta experiência agregou aprendizado aos assentados e técnicos para as novas propostas de SAF.

## Conclusão

Numa avaliação interna sobre a continuidade do projeto, a Cooperafloresta passou a incentivar um novo modelo a partir da ideia de horta fixa, associada a espécies arbóreas. Notou-se com a prática que as hortas seriam o caminho mais adequado para contemplar as necessidades do grupo. A produção de hortaliças foi realizada com a implantação de canteiros alternando espécies de ciclos curtos e longos com uso de irrigação por aspersão, diferente dos cultivos em linha que utilizavam o sistema de gotejamento. Foram introduzidas além das espécies frutíferas já realizadas anteriormente, o cinamomo, a flor do Japão e o eucalipto, introduzidas especialmente para utilização da poda para formação de serrapilheira no local. Mesmo com as divergências, observa-se neste assentamento um respeito ao manejo do solo ao trabalhar a necessidade de favorecer a fertilidade como um princípio do desenvolvimento da agrofloresta. O esforço dos assentados participantes do projeto está justamente em favorecer o processo recuperação da área. Neste quesito o camponês, ao cumprir compromissos ambientais também assume uma nova concepção de trabalho na terra, em que é preciso atuar de forma



coordenada, produzindo matéria orgânica para alimentar os seres vivos da terra e manter a fertilidade do solo.

**Bibliografia:**

STEENBOCK, W. (org) Agrofloresta e sistema agroflorestais no espaço e no tempo. In: STEENBOCK, W. et al.; Agrofloresta, ecologia e sociedade. Curitiba, Kairós, p.39-60, 2013.

WOORTMANN, E., WOORTMANN, K. O trabalho da terra. Brasília: Editora UNB, 1997.

GARCIA, J. A. R. Terra de trabalho. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1983.